

## GÊNERO E ARTE EM MARIAS DO RIO: ANÁLISE DA AVALIAÇÃO DE ESTUDANTES DO SEXO MASCULINO

Tamiris A. S. dos SANTOS<sup>1</sup>

Sandra Maria JOB<sup>2</sup>

**Recebido:** 31/03/2024

**Aprovado:** 24/04/2024

### Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar a recepção do projeto Mulheres Marajoaras em Cena-MMEC, no ano de 2022, junto à plateia masculina de 12 a 17 anos. Para tanto, parte de uma pesquisa de cunho bibliográfico (BOAL, 1991; SILVA, 2021, entre outros) e de campo, a partir de noventa fichas de avaliação que foram respondidas, de forma voluntária e sem identificação, pelos sujeitos da pesquisa. Observou-se que, infelizmente, embora os temas (violência contra mulher, trabalho infantil etc.) tenham sido abordados de uma forma diferenciada (teatro), houve quem se mostrou indiferente e/ou que respondeu negativamente à proposta do projeto e aos temas abordados o que demonstra a necessidade de ampliar tais ações. Mas também houve uma grande parcela que se mostrou muito receptiva à proposta do teatro como instrumento do ensino-aprendizagem e mostrou empatia às questões sociais que precisam ser discutidas.

**Palavras-chave:** Teatro. Educação. Relações de gênero e raça.

### Resumen

El objetivo de este trabajo es analizar la recepción del proyecto Mulheres Marajoaras em Cena-MMEC, en el año 2022, entre el público masculino de 12 a 17 años. Para ello, se parte de una investigación bibliográfica (BOAL, 1991; SILVA, 2021, entre otros) y de campo, basada en noventa formularios de evaluación que fueron respondidos, de forma voluntaria y sin identificación, por los sujetos de la investigación. Se observó que, lamentablemente, aunque los temas (violencia contra las mujeres, trabajo infantil etc.) fueron abordados de manera diferente (teatro), hubo quienes se mostraron indiferentes y/o respondieron negativamente a la propuesta de proyecto y a los temas. cubiertos, lo que demuestra la necesidad de ampliar dichas acciones. Pero también hubo una gran parte que se mostró muy receptiva a la propuesta del teatro como instrumento de enseñanza-aprendizaje y mostró empatía por los temas sociales que es necesario discutir.

**Palabras clave:** Teatro. Educación. Relaciones de género y raza.

### Introdução

Vive-se um período, no Brasil, no qual grande parcela da sociedade tem verbalizado discursos de ódio e os seus preconceitos outrora muito bem dissimulados. Para ir na contramão desses discursos de ódio, preconceituosos, faz-se necessário investir em ações que possibilitem educar, esclarecer crianças e adolescentes sobre questões sociais relevantes, direitos humanos, visando a uma sociedade mais justa e igualitária sempre. Nesse contexto, o projeto de extensão Mulheres Marajoara em Cena –MMEC<sup>3</sup> (PRONAC 200189), coordenado pela Profa. Dra. Sandra Maria Job, tem, entre outros

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves.

<sup>2</sup> Professora Associada na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves.

<sup>3</sup> O projeto Mulheres Marajoaras em Cena-MMEC, desde março de 2019, vem sendo desenvolvido dentro da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves. Contou com apoio do edital PROEXIA/UFPA SANTOS, Tamiris A. S. dos; JOB, Sandra Maria. Gênero e arte em *Marias do Rio*: análise da avaliação de estudantes do sexo masculino. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

objetivos, trabalhar com temas de relevância social para reflexão e conscientização do público-alvo (estudantes do ensino médio e fundamental, graduandos/as, professores/as), através do teatro amador. Para isso, produziu e tem levado a público o musical *Marias do Rio* que tem como um dos temas a violência contra mulher, crianças e adolescentes. *Marias do Rio* tem duração de aproximadamente uma hora e após a apresentação, abre-se espaço para perguntas e uma conversa sobre gênero, raça, *bullying* na escola. Na sequência é solicitado à plateia que nos avalie, se quiser. A avaliação diz respeito a um questionário/feedback que tem a função de avaliar se o mecanismo utilizado (o teatro) foi de alguma utilidade para abordar os assuntos da peça (violência contra crianças, adolescentes, mulher, trabalho infantil etc.) e se, de alguma forma, teatro e debate os ajudaram a refletir sobre os temas abordados.

Embora o projeto já tem sido levado a público desde 2019, para este trabalho fizemos um recorte temporal e de gênero, isto é, interessou-nos, nesse primeiro momento, analisar a avaliação feita por adolescentes do sexo biológico masculino, idade de 12 a 17 anos, que assistiram à peça no ano de 2022, na cidade de Breves-PA, no auditório do CEDEP. E interessou-nos porque ao longo das apresentações as reações da plateia feminina têm sido sempre mais transparentes. E sabemos que ela tende a ter uma empatia quase imediata para com o sofrimento vivido pelas personagens da peça, como temos observado nos olhares e conversas após o debate. Já a plateia masculina sempre se mostra mais contida, o que não significa que não sinta empatia.

Quanto à metodologia, nos respaldamos em Boal (1991), Silva (2021), entre outros, para entendermos um pouco mais sobre a proposta do MMEC. Mas o principal foco é a pesquisa de campo composta pelas fichas de avaliação respondidas voluntariamente pelos sujeitos dessa pesquisa. Nela (modelo da ficha anexo) constam perguntas como idade, grau de escolaridade, sexo biológico e mais três questões objetivas que pedem justificativas. E, por último, há um espaço para sugestões/críticas em relação à peça e ao debate. Dentre as quase trezentas avaliações obtidas no ano do recorte temporal, encontramos noventa que atendem ao recorte de gênero e idade estipulados.

Neste contexto, para melhor desenvolver a proposta, apresentamos no primeiro tópico intitulado “*Marias do rio: teatro como forma de resistência*”, um breve apanhado histórico sobre o teatro e sua função social e também discorreremos brevemente sobre o projeto *Mulheres Marajoaras em Cena*. No tópico seguinte, intitulado *Marias do Rio: em cena música, arte e gênero sob o ponto*

---

(2020); Prêmio PROEX de Arte e Cultura/UFPA (2021 e 2023); banco BV (2022); Fundação Cultural do Pará, via edital Tamba-Tajá (2024). *Instagram* @projetommec.

de vista de adolescentes do gênero masculino, trazemos os resultados da análise proposta. E, por fim, a conclusão.

Posto isso, a seguir discutiremos um pouco sobre o teatro como forma de resistência.

### ***Marias do Rio: teatro como forma de resistência***

A arte teatral é uma das poucas artes que encantam a todos – de crianças a idosos –, tenham estes o hábito de ir ao teatro ou não. Talvez por isso tenha estado presente na humanidade desde tempos remotos. No Brasil, de acordo com Rodrigues (2021), as primeiras manifestações teatrais, com características herdadas do teatro ocidental, datam do século XVI, sob a forma de propaganda político-religiosa e propalado através do padre jesuíta José de Anchieta, tendo como objetivo a catequização indígena, com fins de doutrinação voltada para os ideais portugueses. Manifestações estas ainda muito presentes na sociedade brasileira, ainda que sem ter exatamente, talvez, os ideais portugueses de colonização. Do século XVI ao XX, em resumo, há toda uma relevante história do teatro no Brasil que, por motivos de espaço e do objetivo deste, não discutiremos aqui. Entretanto, vale ressaltar que, no século XX, em particular, alguns dramaturgos brasileiros, como, por exemplo, Augusto Boal<sup>4</sup>, passaram a questionar a exclusão das manifestações populares no teatro. Estes dramaturgos, segundo Zanetti (2016), foram motivados pelo teatro político de Eugen Bertholt Brecht, dramaturgo alemão que via o teatro como um dos instrumentos capazes de efetivar uma revolução. Para Boal (1991, p.13), por exemplo, “todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas”.

Ainda em relação ao Brasil, aqui o teatro como instrumento de resistência veio, de acordo com Silva (2021), a partir das conturbações políticas do regime militar de 64 a 85, no século passado. Durante esse período autoritarista houve grande perseguição contra qualquer manifestação política e cultural (teatro, música, literatura, cinema etc.) que fosse contra o governo (SILVA, 2021). Ainda para Silva,

Na década de 1970, viu-se um processo de amadurecimento do teatro como resistência e sua politização enriquecendo outras atividades, [...]. Uma vez que a riqueza das peças e o clima de liberdade política se contrapunha à ditadura civil militar, o teor político das discussões sobre os rumos do Brasil avançou para o interior do teatro, transformando textos e o fazer teatral e as maneiras de montar um espetáculo. Ao buscar formas de intervenção na realidade, as peças teatrais construíam metáforas e imagens para expressar maneiras de pensar e agir, a partir de uma concepção de mundo. (SILVA, 2021, p.28).

<sup>4</sup> Em *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas* (BOAL, 1970), Boal desenvolveu práticas metodológicas que permitiam a reflexão do ator e espectador sobre questões político-sociais, de tal modo a vir interferir/transformar a vida real deles (ator/espectador) (SILVA, 2021).

SANTOS, Tamiris A. S. dos; JOB, Sandra Maria. Gênero e arte em *Marias do Rio: análise da avaliação de estudantes do sexo masculino*. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

Dentro desse panorama da arte teatral como forma de resistência, as mulheres também se fizeram presentes de forma ativa. Nesse sentido, de acordo com Cebulski (2013), foi na segunda metade do século XX que o feminismo conquistou notoriedade dentro da dramaturgia brasileira. Ainda para Cebulski (2013), as mulheres daquele período rompem com padrões estabelecidos por anos dentro do teatro e surgem escrevendo sobre questões políticas, sociais, envolvendo, principalmente, o universo feminino. E

Os temas variam de acordo com cada escritora, mas pode-se afirmar que, invariavelmente, tratam o 'ser mulher' na história (a solidão, os sonhos e fantasias; a liberdade e a prisão; a submissão e o casamento; os desejos femininos – a sexualidade, a maternidade e os cuidados e descuidos afetivos; o olhar sobre o masculino; a doação de si para o outro; a afetividade positiva e a negativa – inveja, o ciúme e o rancor, e a sobrevivência e o mundo do trabalho). Já o pano de fundo da dramaturgia feminina diversifica-se: a revolução comunista e o ideário marxista, as duas grandes guerras do século XX (o sentimento do absurdo), o desenvolvimentismo de JK, a teoria psicanalítica de Freud, o movimento da contracultura, a ditadura militar e a abertura política dos anos 80 e 90. (CEBULSKI, 2013, p. 85-86).

Cebulski (2013) ainda diz que nas duas últimas décadas do século XX, os grupos de engajamento social foram se dispersando, o teatro se tornou mais diversificado, voltando-se mais para o entretenimento popular. Contudo, Mate (2011), através de sua pesquisa buscando por grupos teatrais no Brasil contemporâneo, cita o hoje chamado Grupo Oficina Uzyna Uzona, que fez frente contra a ditadura e chegou até a atualidade. O autor conclui que “a despeito de tantas dificuldades para produzir espetáculos e manter vivos seus grupos, há no Brasil uma profusão de coletivos teatrais, ocupando todo tipo de espaço, na busca por processos de trocas de experiências simbólicas através de suas obras” (MATE, 2011, p. 14), como pode ser observado na pesquisa da atriz Paula Garcia<sup>5</sup> (2022), na qual o projeto de teatro amador Mulheres Marajoaras em Cena, junto com outros grupos, é alvo de estudo também.

Em relação ao projeto Mulheres Marajoaras em Cena (MMEC), ele foi criado em 2019, como projeto de extensão desenvolvido na UFPA, Campus de Breves, tendo fins educativos para as relações de gênero, raça/etnia, além de fins artísticos e culturais também. Não tem, portanto, fins lucrativos.

<sup>5</sup> Na dissertação de mestrado de Paula Garcia (2021) ela faz um levantamento de grupos de teatro feminista existentes nas cinco regiões do Brasil e faz um estudo comparativo entre os textos teatrais utilizados no mesmo.

<sup>5</sup> Vale esclarecer que, a diferença entre o teatro amador e o teatro profissional está em se há ou não intenções lucrativas, isto é, o teatro amador normalmente não objetiva ter retornos financeiros, como ocorre com o teatro profissional, mas necessitam de recursos para manter suas produções e, para isso, contam com apoiadores e patrocinadores (VILELA, 2018 apud GARCIA, 2022).

SANTOS, Tamiris A. S. dos; JOB, Sandra Maria. Gênero e arte em *Marias do Rio*: análise da avaliação de estudantes do sexo masculino. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

Para desenvolver o projeto, foi montado um grupo de teatro amador de mesmo nome. Ele é aberto à graduandos/as e comunidade interessada. E há um recorrente revezamento de participantes, visto que não são contratadas, são voluntárias. Ainda em reação ao MMEC, segundo Garcia (2022), é possível que ele seja o único grupo de teatro na região Norte do Brasil de cunho feminista, visto que os demais grupos identificados pela autora abordam mais precisamente os temas regionalistas. Tal constatação da autora advém da leitura que a mesma faz da peça *Marias do Rio* (JOB, 2021). Obra que tem sido encenada pelo grupo e que, em tom de denúncia, aborda várias formas de violência sofridas por mulheres e crianças na região, em particular.

**Imagem 1:** Cena de *Marias do Rio*, em Belém



**Fonte:** Arquivo do projeto Mulheres Marajoaras em Cena (2022)

A proposta do MMEC é, seguramente, muito necessária, visto que as estatísticas têm comprovado os altos números de casos de feminicídio, violência de gênero e abuso sexual de vulnerável no Brasil e, em particular, os altos índices de abuso sexual de vulnerável no Marajó. Contudo, estamos cientes do quão ínfima a proposta é diante da dimensão, da complexidade da questão da violência contra meninas, meninos, mulheres no Marajó, no Brasil. Contudo, combater, resistir é preciso e desistir ou fechar os olhos para o problema não pode nunca ser uma opção para ninguém. Sendo assim, cientes também de que a beleza da arte teatral pode encantar, assim como do poder que a arte tem em (trans)formar, contribuir para a conscientização, o MMEC vem recorrendo à arte teatral para combater, em especial, a violência e abuso sexual de vulnerável. Nesse sentido, tem buscado atuar como uma ferramenta de resistência à violência contra corpos femininos no Marajó, em especial.

### **Marias do Rio: em cena música, arte e gênero sob o ponto de vista de adolescentes do gênero masculino**

Do intuito de ser resistência, levar temas relevantes para reflexão e levar o público-alvo à conscientização a obter sucesso no intento há um longo caminho a ser percorrido e que, nem sempre, é um caminho tranquilo e do qual temos controle. Sempre há as adversidades. Nesse sentido, para averiguar as pedras e flores que há ao longo do caminho, após o debate temos solicitado à plateia que avaliem o trabalho desenvolvido (a apresentação e o debate), através de uma ficha de avaliação. Esta ficha tem sim o intuito de avaliar parte do projeto, mas ela também serve como um mecanismo através do qual vítimas possam solicitar ajuda. Quanto às respostas, elas são, posteriormente, conferidas pela coordenadora do projeto que, em presença de alguma resposta que mereça ser investigada e/ou traga um pedido de ajuda, entra em contato com a direção da escola.

Dentre as muitas fichas que o projeto guarda desde 2020, noventa delas, referente ao ano de 2022, foram alvos de análise aqui, conforme já comentado sobre o sujeito desta pesquisa. Vale ressaltar que devido ao recorte (idade 12 a 17) estipulado, só os estudantes de ensino médio e fundamental, óbvio, atenderiam a esse quesito. Nela um dos dados diz respeito à idade. E é solicitada essa informação, pois a mesma pode e muito influenciar na compreensão ou não da peça apresentada. Por isso consideramos a mesma relevante para a proposta aqui e, sendo assim, abaixo os dados referentes à idade (Gráfico 1).

**Gráfico 1:** Faixa etária

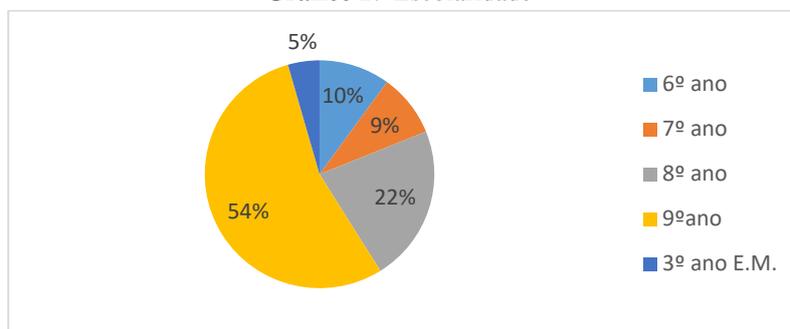


**Fonte:** das autoras, 2022.

Como pode ser observado, há poucos estudantes com até 13 anos quando comparamos com o número de estudantes com mais de 14, o que nos leva a crer que essa plateia masculina não era (ou pelo menos não deveria) ser tão imatura, isto é, teria maturidade o bastante para não apenas entender a peça, assim como compreender os problemas sociais constantes nela.

No tocante ao grau de escolaridade, tem-se:

**Gráfico 2: Escolaridade**



Fonte: das autoras, 2022.

O grau de escolaridade também é relevante, pois o grau de instrução pode dificultar a interpretação que se pretende que o estudante tenha do texto teatral apresentado. E, muito embora não seja objetivo dessa pesquisa, vale comentar que dos noventa estudantes quarenta deles têm entre 15 e 17 anos e, pela idade, deveriam estar no ensino médio. Contudo, o gráfico 2 mostra que apenas 5% cursavam o ensino médio naquele momento. De forma mais didática, observe a tabela 1, abaixo.

**Tabela 1: Idade e série/ano dos alunos da pesquisa**

Idade/ nº de alunos	6º ano (5ª série) <sup>6</sup>	7º ano/6ª série	8º ano/7ª série	9º ano /8ª série	3º ano
12 anos (3 alunos)	3 alunos				
13 anos (16 alunos)	3 alunos	3 alunos	10 alunos		
14 anos (31 alunos)	3 alunos	2 alunos	3 alunos	23 alunos	
15 anos (21 alunos)	1 aluno		6 alunos	14 alunos	
16 anos (11 alunos)		2 alunos	2 alunos	7 alunos	
17 anos (8 alunos)		1 aluno	1 aluno	2 alunos	4 alunos

Fonte: das autoras, 2022.

Verifica-se que de noventa estudantes, apenas quatro (de 17 anos) estão no ensino médio, ou seja, na escolaridade correspondente à idade. Isto se ele não estiver cursando o 1º ano do ensino médio, claro, pois, de acordo com os dados do Panorama da distorção idade-série no Brasil, realizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a idade indicada para cada série é a que consta na Tabela 2 (abaixo).

<sup>6</sup> Antiga 5ª série. Anteriormente o ensino fundamental era concluído na 8ª série. Atualmente o ensino fundamental vai até o 9º ano (equivalente à antiga 8ª série)

SANTOS, Tamiris A. S. dos; JOB, Sandra Maria. Gênero e arte em *Marias do Rio*: análise da avaliação de estudantes do sexo masculino. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

**Tabela 2:** Idade adequada para cada ano/série.

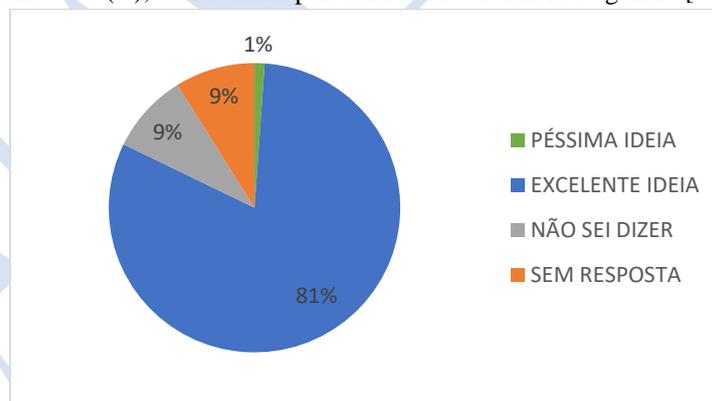
Ano/série:	6ºano/5ªsérie	7º ano/6ª série	8ºano/7ªsérie	9ºano /8ª série	3º ano
Idade adequada:	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	17 anos

**Fonte:** Adaptado de Panorama da distorção idade-série no Brasil (2018).

Levando-se em consideração que o público-alvo do projeto tem sido estudantes com idade a partir de 12 anos e, por conta da idade, esteja em um determinada série, tenha um determinado nível de conhecimento, conseqüentemente, se isso não acontece, claro que, ainda que de forma indireta e sem graves conseqüências, as respostas obtidas nas fichas de avaliação podem nos surpreender – tanto positivamente quanto negativamente, pois, por exemplo, talvez ainda não tenham tido oportunidade de estudar/conhecer o texto dramático e/ou ter tido contato com textos literários. Vale observar, por exemplo, que, embora com 12, 13 anos, pelas respostas de muitos eles não conseguem entender o que é solicitado no enunciado. Assim como poucos conseguem ou têm paciência de formular uma justificativa consistente e inteligível. E isso, obviamente, tem muito a ver com idade também.

Tais considerações podem fazer um pouco mais de sentido a partir de agora, pois abaixo trazemos os dados referentes às questões que pedem justificativas.

**Gráfico 3:** (...), usar o teatro para falar sobre violência de gênero [...] foi:



**Fonte:** das autoras, 2022.

Vale comentar que solicitar justificativa foi uma estratégia para levar o aluno a fazer uma escolha consciente, compromissada, isto é, não assinalar qualquer opção de forma aleatória. Na questão constante no Gráfico 3 (esta e as demais questões podem ser lidas na íntegra no Anexo 1), dos noventa alunos, 81% acharam a ideia excelente. E destes alguns justificaram escrevendo que:

- Precisamos de ajuda *pra* quem foi abusado (13 anos – 6ºano)
- Para falar que não pode cometer nenhuma violência (13 anos - 8ºano)

SANTOS, Tamiris A. S. dos; JOB, Sandra Maria. Gênero e arte em *Marias do Rio*: análise da avaliação de estudantes do sexo masculino. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

- c) *Pras* pessoas perceberem como não é uma coisa legal. (13 anos – 8º ano)
- d) Porque as *pesoas* não *concegem* entender, porque as *pesoas* *vegão* com *mas* carinho, boa ideia *poque* fico mas esclarecido. (14 anos – 7º ano)
- e) Ajuda as pessoas a ter mais consciência. (14 anos - 9º ano)
- f) Me deu mais informações (14 anos - 9º ano)
- g) É uma forma de mostrar as pessoas o q realmente está acontecendo. (14 anos - 9º ano)
- h) Isso pode *servi* para abrir nosso olho. (14 anos - 9º ano)
- i) Porque ajudou as pessoas a refletirem (14 anos - 9º ano)
- j) É algo ocorre muito e deve ser discutido (15 anos – 9º ano)
- k) Pois ela nos mostra o quão difícil é a vida da *vitima* de abuso (16 anos – 9º ano)
- l) Nada melhor do que encenar para representar e explicar (17 anos – 3º ano E.M.)

Nota-se que nesse grupo de respostas não há registro de alunos de 12 anos, isso acontece porque dos três alunos da pesquisa que tem 12 anos, dois assinalaram a ideia como excelente, e um escolheu a opção de “não sei dizer”, porém, nenhum deles deu justificativa. O mesmo aconteceu com um ou outro aluno que, apesar de terem assinalado “excelente ideia”, não justificaram/explicaram por que acharam a ideia excelente. Mas assim como responder a ficha de avaliação não era obrigatório, responder as questões de forma completa, muito menos. Tanto que 9% (Gráfico 3) não responderam. Quanto a estes 9%, o fato de não terem respondido pode ser explicado por algumas razões como, por exemplo: simplesmente não quiseram, mas muito provavelmente não responderam devido à dificuldade com a leitura e a escrita, assim como os outros 9% que responderam “não sei dizer”. Ou seja, pode estar implícita na ausência de respostas a dificuldade com leitura, interpretação. Dificuldade que não deveria existir, dada a idade desses alunos, mas que é “compreensível”, devido ao atraso escolar no qual se encontram, conforme já foi comentado acima. Sob outra perspectiva, o que também pode ter influenciado no não entendimento da peça por parte de alguns alunos, foi o barulho provocado pelas conversas entre um grupinho pequeno. Barulho esse questionado/criticado por parte de alguns alunos.

Mas para o nosso intuito aqui, o mais relevante é observar que, pelas respostas, o objetivo do projeto que é conscientizar, educar para as relações de gênero atingiu uma parcela desse público. Atingir a todos temos ciência de que é impossível.

Quanto aos que assinalaram a opção de “não sei dizer”, as justificativas foram:

- a) *Num* quero (13 anos – 8º ano)
- b) Eu não entendi não gostei (13 anos – 8º ano)
- c) Não entendi nada (13 anos – 8º ano)
- d) Porque eu não entendo (14 anos – 9º ano)
- e) Não entendi (14 anos – 9º ano)

O musical *Marias do Rio* tem certa complexidade e exige da plateia muita atenção para que compreenda o que se passa em cena. Também por causa dessa complexidade a classificação é de 12 anos. Mas as justificativas destes estudantes podem não ser, necessariamente, consequência da complexidade da peça, mas sim desinteresse dessa plateia, visto que, em algumas das apresentações ocorridas em Breves, na plateia se ouvia burburinhos, um entra e sai de aluno<sup>7</sup>. Tanto que em uma das fichas preenchidas por uma estudante do sexo feminino, ela reclama do barulho que “atrapalha ouvir”, segundo ela. Fatos que nos levam a crer que a justificava de que não entenderam, não sei (ver Tabela 3) advém do desinteresse do/s mesmo/s. Além disso, pelo nome da escola constante na ficha, seguramente era um dos que conversavam ruidosamente, como era possível ver do palco, dada à claridade no ambiente, pois a apresentação foi no período da manhã e tarde.

**Tabela 3:** Respostas do aluno do 8º ano, 13 anos

	Questão 4	Questão 5	Questão 6	7. Sugestão
Assinalou	(X) Não sei dizer)	( X) Não	(Não)	<i>Num sales</i>
Justificativa:	<i>Num quero</i>	Sei lá	<i>Num sei</i>	

**Fonte:** das autoras, 2022.

Caso parecido com o aluno de 13 anos acima, é o do estudante cuja resposta se encontra na letra b (acima), que, inclusive, são da mesma escola. Este além de dizer que não entendeu, deixou claro que não gostou (veja respostas dele na tabela 4).

**Tabela 4:** Aluno do 8º ano, 13 anos

	Questão 4	Questão 5	Questão 6	7 Sugestões
Assinalou	( X ) Não sei dizer	(X) Não	( X ) Não	Eu não gostei <i>iguinorante pra mim</i>
Justificativa	Eu não entendi não gostei	Eu não <i>nenum</i> desses temas	Não sei	

**Fonte:** das autoras, 2022.

Ainda em relação ao Gráfico 3, dentre as noventa fichas respondidas, um aluno marcou que o teatro foi uma “péssima ideia”. Este tem 14 anos e cursa a 7º série. Na sua justificativa ele coloca que: “os menores sofrem de *agregção*”. Ou seja, ele tem ciência de que a violência ocorre e se preocupou em dar uma justificativa. Acreditamos que ele marcou a opção errada. Erro causado pela

<sup>7</sup> Sabemos do ocorrido, pois também atuamos na peça.

SANTOS, Tamiris A. S. dos; JOB, Sandra Maria. Gênero e arte em *Marias do Rio*: análise da avaliação de estudantes do sexo masculino. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

pressa ou pode ser pela falta de hábito em atividades com questões objetivas, pois a justificativa não condiz com a alternativa assinalada, conforme pode ser observado na tabela 5.

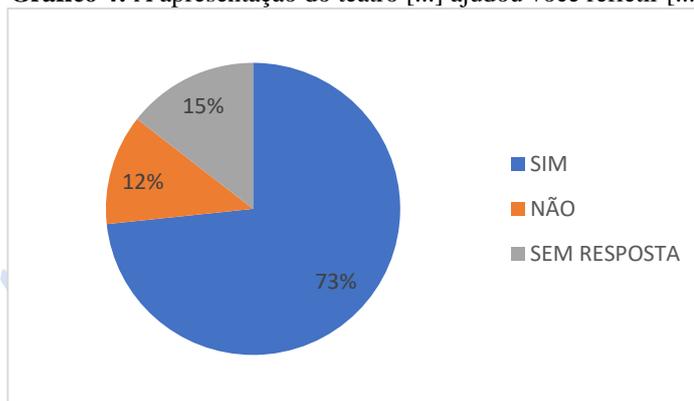
**Tabela 5** : Aluno do 7º ano, 14 anos

Perguntas:	Questão 4	Questão 5	Questão 6	7. Sugestão
Marcou X:	(X) péssima ideia	(X) Sim	(X) Me fez refletir	Eu não tenho nenhuma <i>queicha</i> para a <i>meiora</i> e <i>foe</i> muito bom pra mim
Justificativa:	Os menores sofrem de <i>agregção</i>	Que muitas mulheres jovens e <i>creaçs</i> sofrem de <i>agregção</i> e as mulheres sofrem de <i>estrupe</i>	Que não importa o <i>genero</i> e a <i>aparença</i>	

Fonte: das autoras, 2022

Um outro item a ser respondido na ficha dizia respeito à reflexão, conforme colocado abaixo.

**Gráfico 4:** A apresentação do teatro [...] ajudou você refletir [...].?



Fonte: das autoras, 2022.

Para 73% dos alunos sim, a peça apresentada os fizeram refletir sobre algo, suscitou neles alguma coisa, conforme mostram as justificavas de alguns:

- Como não podemos agredir ninguém (13 anos, 8º ano)
- Não pode *violeta* as *pesas* (13 anos, 8º ano)
- Sobre não violentar nem uma garota (14 anos, 9º ano)
- Bom incentiva meu lado crítico e humanitário, também a respeitar todos os tipos de gênero (14 anos, 9º ano)
- A parar de ser violento (14 anos, 9º ano)
- Sempre denuncie *q* ou busque ajuda quando acontecer (14 anos, 9º ano – São Pedro)
- Sobre não praticar abuso, fazer violência contra as mulheres (16 anos, 9º ano)

Observa-se novamente que, em consonância com as respostas obtidas no Gráfico 4, o objetivo do projeto, que era levar o estudante a refletir, conscientizar sobre a questão do respeito ao corpo feminino, violência de gênero etc., foi alcançado, ainda que não em 100%.

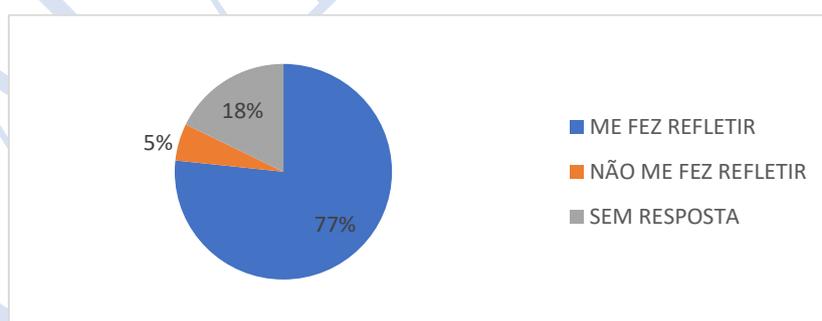
Com relação às justificativas dos estudantes que marcaram que a peça não os fez refletirem, são essas:

- a) Por que eu não me lembro muito das coisas (13 anos, 8º ano)
- b) Eu não *nenum* desses temas (13 anos, 8º ano)
- c) Não entendi (13 anos, 8º ano)
- d) Porque nunca vi nada parecido em casa (13 anos, 8º ano)
- e) *Por que* o que falaram eu já sabia, mas o teatro foi bom (14 anos, 8º ano)
- f) Não *entender* muito bem (14 anos, 9º ano)

Todos da mesma faixa etária, coincidentemente da mesma escola e série, com exceção o da letra F. Ou seja, é impossível não considerar que sejam parte do grupinho que conversava e/ou que entrava e saía do auditório constantemente. Mas ainda assim vale comentar a resposta D. Pela mesma é possível constatar que, como não acontece violência dentro da casa dele, a questão encenada não o faz refletir sobre nada. Esperamos que a resposta seja apenas fruto da pressa, da indiferença ao teatro apresentado.

Quando à avaliação sobre o debate (sobre gênero, *bullying*, racismo, respeito às diferenças), que, como comentado anteriormente, acontece após a apresentação da peça, tem-se que:

**Gráfico 5:** A conversa/debate, depois da apresentação do teatro, na sua opinião



**Fonte:** das autoras, 2022.

Embora 77% dos alunos marcaram a opção de que o teatro os fez refletir sobre os temas abordados, essa foi a pergunta para a qual menos respostas assinaladas tivemos e, conseqüentemente, menos justificativas. Dentre as poucas justificativas, alguns colocaram:

- a) As mulheres que morreram por causa dos homens (13 anos, 6º ano)

SANTOS, Tamiris A. S. dos; JOB, Sandra Maria. Gênero e arte em *Marias do Rio*: análise da avaliação de estudantes do sexo masculino. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069

- b) Como nós agimos (13 anos, 8º ano)
- c) Que abuso é crime (14 anos, 9º ano)
- d) Sobre preconceito (14 anos, 9º ano)
- e) Pensar mais em algumas atitudes (14, 9º ano)
- f) Sim, sobre o quão é difícil a mulher ter voz (15 anos, 9º ano)
- g) Sobre não ficar calado diante de algum ato errado (16, 9º ano)

Ou seja, o teatro apresentado os fez pensar e pensar bastante sobre variadas questões.

Dos 5% que marcaram “não me fez refletir”, três alunos justificaram, dizendo que não entenderam. Fica a dúvida. Não entenderam o debate? Não entenderam o que significa a palavra debate presente na ficha? Ou simplesmente não prestaram atenção a nada? Fica a pergunta, pois tanto o tema da violência na peça teatral, assim como a retomada do tema no debate, além do tema do racismo foram falados em uma linguagem não acadêmica, de fácil entendimento. Portanto, não justificaria a respostas abaixo, exceto a justificava na letra D que, muito possivelmente, estava sentado do lado da galerinha que conversava.

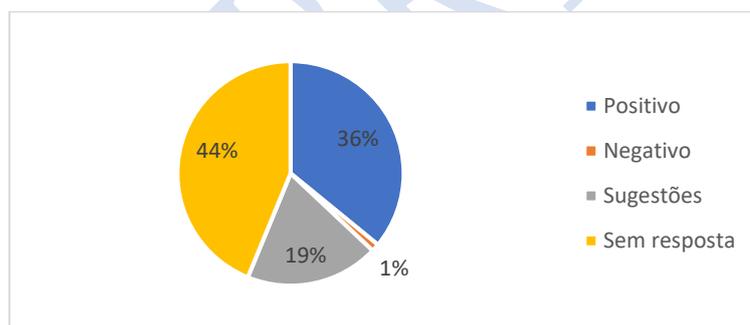
- a) Falaram coisas que eu não entendi (13 anos, 8º ano)
- b) Num sei (13 anos, 8º ano)
- c) Não sei (13 anos, 8º ano)
- d) Não entendi nada no meu lado (13 anos, 8º ano)
- e) Não *entende* nada (15 anos, 9º ano)

Outro fato relevante é que os estudantes das respostas A, B, C, D são da mesma escola e só não citamos o nome da mesma porque não há essa necessidade. E se comentamos o fato de serem da mesma escola é para que o/a leitor/a consiga acompanhar o porquê da análise feita, como e por que chegamos a essas conclusões. Claro que também não desconsideramos nenhuma dessas respostas, tanto que buscamos tentar minimizar a complexidade da peça nas apresentações posteriores. Mas ainda não obtivemos 100% de aprovação quanto aos temas abordados/discutidos. Isso talvez seja pelo tom trágico da peça (afinal fala de violência contra mulher) e/ou por ser musical.

Mesmo não atingindo 100% da plateia, a recepção dos quase noventa estudantes, do sexo biológico masculino, de idade variando entre 12 a 17 anos, foi extremamente positiva ao projeto Mulheres Marajoaras em Cena que encenou o musical *Marias do Rio*, levando, através do teatro amador, arte e educação sobre gênero e raça. Neste contexto todo, observa-se que, ainda que devagar, é possível formar/ensinar cidadãos/ãs a serem menos preconceituosos/as, menos machistas, racistas, intolerantes. Essa constatação, entretanto, não significa que os quase noventa estudantes que responderam à ficha aqui analisada saíram daquela apresentação menos racistas, menos

preconceituosos, menos machistas (partindo do pressuposto que todos nós temos nossos preconceitos, nossos racismos, produtos que somos de uma sociedade machista e racista). Desaprender algo que aprendemos desde cedo e com o qual convivemos ao nosso redor – direta ou indiretamente –, leva tempo e reaprender algo leva mais tempo ainda. É um processo, estamos cientes disso. Contudo, a grande maioria das justificativas acima é um afago que nos leva a ter esperança de uma sociedade menos cruel, mais empática em um futuro não tão distante. Elas acenam para um sim, é possível “ensinar as pessoas a amarem” como disse Nelson Mandela. É possível (e um dever) aprendermos a respeitar as diferentes diversidades humanas e aprendermos a respeitar o corpo do Outro, respeitar o Outro. E levar, através da arte, temáticas tão sensíveis e necessárias, é também um algo a mais, visto que a arte/literatura é um direito, como muito bem já pontuou Antonio Cândido. Tanto que as respostas obtidas nas fichas (Gráfico 6) nos levam a crer que o caminho da arte é mais que viável; é um caminho que, como muitos professores, após assistir à peça, têm dito: é uma peça, um projeto inspirador.

**Gráfico 6:** Sugestões para melhorar o teatro, debate



**Fonte:** das autoras, 2022.

Dentre as críticas positivas, citaremos algumas:

- Para mim foi tudo muito ótimo não precisa *muda* nada (14 anos, 9º ano)
- Foi muito *legau* fez eu pensar ou refletir muito mas se quiserem melhorar melhorem (14 anos, 9º ano)
- Eu não achei nem um defeito na peça de teatro achei um bom trabalho dos atores foi muito bem. (14 anos, 9º ano )
- O teatro já é muito bom, só devemos continuar em frente firme e forte, que o teatro traga mais coisas para abrir os olhos de várias pessoas (14 anos, 9º ano)
- foi incrível, muito bom, nada a dizer (14 anos, 9º ano )
- o teatro e o debate foram ótimos (15 anos, 9º ano)
- eu acho que foi excelente pois *conseguir* entender tudo sobre o respeito (15 anos, 9º ano)
- nada a dizer, porque o teatro é incrível e bom para todos (15 anos, 9º ano)
- Por mim está tudo ótimo, foi dito tudo que devemos fazer contra o *estrupro*. (16 anos, 9º ano)

j) Não precisa melhorar nada, *esta* tudo perfeito. (17 anos, 9º ano)

Quanto às sugestões para melhorar:

- a) Melhorar o som (13 anos, 8º ano)
- b) separa mais as pessoas (13 anos, 8º ano)
- c) Só melhorem mais os áudios, muito bom o teatro parabéns! (14 anos, 9º ano)
- d) sempre convidar novas escolas para participar (14 anos, 9º ano)
- e) Aumentar o tom de voz, pois dificultou a entender, mas gostei da peça, chame mais algumas vezes, preferência na aula de matemática (14 anos, 8º ano)
- f) tem que falar um pouquinho mais sobre os meninos pois eles tem pouca participação na peça (15 anos, 8º ano)
- g) falar mais sobre racismo, etc. (15 anos, 9º ano )
- h) Sobre o teatro, foi espetacular, para melhorar mais um pouco, precisamos da *compreensão* de alguns alunos, na questão sobre o comportamento. (17 anos, 8º ano)

Vale ressaltar que, na medida do possível, sempre procuramos ouvir e fazer o que nos é sugerido. Nesse sentido, o som, que de fato, foi um problema, buscamos solucionar. Quanto a separar as pessoas (letra B), nem cogitamos essa possibilidade, pois ela é inviável. Sobre a compreensão de alguns alunos (letra H) (vejam que até mesmo outros estudantes ficaram incomodados com o burburinho entre um e outro grupinho que atrapalhou muito uma determinada apresentação), isto é, sobre conversas durante a apresentação, tentamos, na medida do possível, mediar, através inserindo/trazendo a pessoa que está conversando para o diálogo travado em cena.

Ainda em relação a conversas paralelas, compreendemos que muitas vezes elas são uma forma de o/a estudante “fugir”, não sentir o drama que está sendo encenado, por motivos vários. Ou ainda, elas acontecem porque simplesmente ele/a não se interessa por teatro (ou pela temática abordada), pois não tem o hábito de ir ao teatro e não por culpa deles, mas pela ausência da arte teatral nas pequenas cidades e, principalmente, na vida dos menos favorecidos economicamente.

## Conclusão

Nesta análise parcial, dado ao recorte estipulado, acerca da recepção à proposta advinda do projeto de extensão MMEC, observamos que a arte teatral encanta, mesmo quando aborda temas tão profundos e doloridos quanto o da questão da violência contra crianças, adolescentes e mulheres. Além disso, é perceptível o quanto podemos ensinar através da arte. E como qualquer outro tipo de educação formal, óbvio, não contempla/atinge, infelizmente, todos os envolvidos no processo. Porém, pelo grande número de estudantes que se mostraram receptivos ao teatro, debate, chega-se à conclusão de que a receptividade à peça *Marias do Rio* foi extremamente significativa.

Neste contexto, considerando a gravidade da questão da violência sexual no país, assim como do racismo, investir em ações e/ou políticas públicas voltadas para a arte – seja teatral, literária, musical etc – para trabalhar a questão da violência, do abuso sexual de vulnerável, questões de raça para empoderar meninas, adolescentes e pessoas pretas é um caminho mais que viável, é uma necessidade, é um caminho um pouco mais suave para tratar temas duros e dolorosos dentro e fora das escolas.

## Referências

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. Disponível em: <https://artenocampo.files.wordpress.com/2013/09/teatro-do-oprimido-e-outras-poc3a9ticas-polc3adticas-1.pdf>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

CEBULSKI, M. **Introdução à História do Teatro no Ocidente: dos gregos aos nossos dias**. 1.ed. Guarapuava: Editora Unicentro, 2013. Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/Texto-1.pdf>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

GARCIA, Paula. **ELA, PROTAGONISTA: uma análise dos discursos femininos no teatro brasileiro contemporâneo**. Dissertação (mestrado em comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP, São Paulo, 2022. Disponível em: [https://repositorio.unip.br/dissertacoes-teses-programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/ela-protagonista-uma-analise-dos-discursos-femininos-no-teatro-brasileiro-contemporaneo/?perpage=20&order=DESC&orderby=date&pos=1&source\\_list=collection&ref=%2Fdissertacoes-teses-programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao%2F](https://repositorio.unip.br/dissertacoes-teses-programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao/ela-protagonista-uma-analise-dos-discursos-femininos-no-teatro-brasileiro-contemporaneo/?perpage=20&order=DESC&orderby=date&pos=1&source_list=collection&ref=%2Fdissertacoes-teses-programa-de-pos-graduacao-stricto-sensu-em-comunicacao%2F) Acesso em: 27 de fevereiro de 2023.

JOB, Sandra Maria Job. **Marias do Rio**. São Paulo: Scortecci, 2021.

MATE, Alexandre. **Grupos teatrais no Brasil contemporâneo**. Revista Moringa. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vol. 2, nº 1, 2011, p.35- 47. Disponível em: <https://www.ia.unesp.br/Home/teatrosemcortinas/grupos-teatrais-no-brasil-contemporaneo.pdf>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2023.

RODRIGUES, J. L. **Apostila de história do teatro**. Seduc. Ceará. 2021 Disponível em: <https://www.ced.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/82/2021/02/LGG034-Historia-do-Teatro-Jorge-Luiz-Rodrigues.pdf>. Acesso em: 14 de fevereiro de 23.

SILVA, S. A. A. **Um teatro de resistência: O movimento experimental de cultura e arte (Meca), de Ituiutaba-Mg (1974-1985) Ituiutaba (Mg)**. Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33861>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2023.

SANTOS, Tamiris A. S. dos; JOB, Sandra Maria. Gênero e arte em *Marias do Rio*: análise da avaliação de estudantes do sexo masculino. In: Revista **Falas Breves**, no. 13, Breves-PA, maio de 2024. ISSN 23581069



UNICEF. **Panorama da distorção idade-série no Brasil.** 2018. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/461/file/Panorama da distorcao idadeserie no Brasil.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/461/file/Panorama_da_distorcao_idadeserie_no_Brasil.pdf). Acesso em: 14 de fevereiro de 2023.

FALAS BREVES